

2018.2 . Ano xxxv . Número 36

CALÍOPE

Presença Clássica

separata 3

2018.2 . Ano xxxv . Número 36

CALÍOPE

Presença Clássica

ISSN 2447-875X

separata 3

Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas
Departamento de Letras Clássicas da UFRJ

Universidade Federal do Rio de Janeiro
REITOR Roberto Leher

Centro de Letras e Artes
DECANA Flora de Paoli Faria

Faculdade de Letras
DIRETORA Eleonora Ziller Camenietzky

Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas
COORDENADOR Ricardo de Souza Nogueira
VICE-COORDENADORA Arlete José Mota

Departamento de Letras Clássicas
CHEFE Fábio Frohwein de Salles Moniz
SUBCHEFE Rainer Guggenberger

Organizadores
Fábio Frohwein de Salles Moniz
Fernanda Lemos de Lima
Rainer Guggenberger

Conselho Editorial
Alice da Silva Cunha
Ana Thereza Basílio Vieira
Anderson de Araujo Martins Esteves
Arlete José Mota Auto Lyra Teixeira
Ricardo de Souza Nogueira Tania Martins Santos

Conselho Consultivo
Alfred Dunshirn (Universität Wien)
David Konstan (New York University)
Edith Hall (King's College London)
Frederico Lourenço (Universidade de Coimbra)
Gabriele Cornelli (UnB)
Gian Biagio Conte (Scuola Normale Superiore di Pisa)
Isabella Tardin (Unicamp)
Jacyntho Lins Brandão (UFMG)
Jean-Michel Carrié (EHESS)
Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra)
Martin Dinter (King's College London)
Victor Hugo Méndez Aguirre (Universidad Nacional Autónoma de México)
Violaine Sebillote-Cuchet (Université Paris 1)
Zélia de Almeida Cardoso (USP)

Capa e editoração
Fábio Frohwein de Salles Moniz

Revisão de texto
Fábio Frohwein de Salles Moniz | Fernanda Lemos de Lima | Rainer Guggenberger

Revisão técnica
Fábio Frohwein de Salles Moniz | Rainer Guggenberger

Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas / Faculdade de Letras – UFRJ
Av. Horácio Macedo, 2151 – sala F-327 – Ilha do Fundão 21941-917 – Rio de Janeiro – RJ
www.lettras.ufrj.br/pgclassicas – pgclassicas@lettras.ufrj.br

Baco e os piratas: *Metaformoses* III, v. 597-691

Arthur Rodrigues Pereira Santos

RESUMO

Em homenagem ao bimilenário da morte de Ovídio (43 a.C. - 17/18 d.C.), apresentamos aqui uma tradução poética de um célebre episódio das suas *Metamorfoses*, em que o marinheiro Acestes narra a Penteu, rei de Tebas, o sequestro de Baco por piratas etruscos e os desdobramentos de tamanho sacrilégio. Trata-se de um tema clássico por excelência, abordado pela primeira vez no hino homérico a Dioniso, por volta do séc. VII a.C., passando pela poesia latina do período augustano, da qual Ovídio foi o último expoente, e chegando até o grande poeta norte-americano Ezra Pound (1885-1972), que o incluiu na sua obra-prima *Os cantos*. Em vez de usarmos um verso tradicional, como o decassílabo ou o dodecassílabo, para verter os hexâmetros datílicos originais, optamos por um verso de extensão variável, constituído de dois hemistíquios, sendo o segundo geralmente mais longo que o primeiro e finalizado por cláusula hexamétrica. Além disso, para marcar o aspecto sobrenatural que Ovídio atribui a Baco (v. 609-610), adotamos na tradução diferentes registros linguísticos para afastá-lo das demais personagens. Assim, reservamos ao deus uma linguagem altamente formal, quase artificial, e aos piratas, um registro mais corriqueiro.

PALAVRAS-CHAVE

Ovídio; *Metamorfoses*; Baco; tradução; métrica.

SUBMISSÃO 20 nov. 2018 | PUBLICAÇÃO 29 dez. 2018

F

orte petens Delum Chiae telluris ad oras
adplicor et dextris adducor litora remis
doque leues saltus udaeque immittor harenae:
600 nox ibi consumpta est. Aurora rubescere primo
coeperat: exsurgo laticesque inferre recentes
admoneo monstroque uiam, quae ducat ad undas.
ipse quid aura mihi tumulto promittat ab alto
prospicio comitesque uoco repetoque carinam.
605 'adsumus en' inquit sociorum primus Opheltes,
utque putat, praedam deserto nactus in agro,
uirginea puerum ducit per litora forma.
ille mero somnoque grauis titubare uidetur
uixque sequi. specto cultum faciemque gradumque;
610 nil ibi, quod credi posset mortale, uidebam.
et sensi et dixi sociis: 'quod numen in isto
corpore sit dubito, sed corpore numen in isto est!
quisquis es, o faueas nostrisque laboribus adsis.
his quoque des ueniam.' 'pro nobis mitte precari'
615 Dictys ait, quo non alius conscendere summas
ocior antemnas prensoque rudente relabi;
hoc Libys, hoc flauus, prorae tutela, Melanthus,
hoc probat Alcimedon et qui requiemque modumque
uoce dabat remis, animorum hortator Epopeus,
620 hoc omnes alii: praedae tam caeca cupido est.
'non tamen hanc sacro uiolari pondere pinum
perpetiar,' dixi; 'pars hic mihi maxima iuris'
inque aditu obsisto. furit audacissimus omni
de numero Lycabas, qui Tusca pulsus ab urbe
625 exilium dira poenam pro caede luebat.
is mihi, dum resto, iuuenali guttura pugno
raptat et excussum misisset in aequora, si non
haessem quamuis amens in fune retentus.
impia turba probat factum; tum denique Bacchus
630 (Bacchus enim fuerat), ueluti clamore solutus
sit sopor aque mero redeant in pectora sensus,
'quid facitis? quis clamor?' ait 'qua, dicite, nautae,

huc ope perueni? quo me deferre paratis?
'pone metum' Proreus 'et quos contingere portus
635 ede uelis,' dixit; 'terra sistere petita.'
'Naxon' ait Liber 'cursus auertite uestros;
illa mihi domus est, uobis erit hospita tellus.'
per mare fallaces perque omnia numina iurant
sic fore meque iubent pictae dare uela carinae.
640 "Dextera Naxos erat; dextera mihi lintea danti
'quid facis, o demens? quis te furor', inquit Opheltes,
persequitur?' retinens 'laeuam pete!' maxima nutu
pars mihi significat, pars quid uelit aure sussurat.
obstipui 'capiat' que 'aliquis moderamina' dixi
645 meque ministerio scelerisque artis remou.
increpor a cunctis totumque immurmurat agmen;
e quibus Aethalion 'te scilicet omnis in uno
nostra salus posita est' ait et subit ipse meumque
explet opus Naxoque petit diuersa relict.
650 tum deus inludens, tamquam modo denique fraudem
senserit, e puppi pontum prospectat adunca
et flenti similis 'non haec mihi litora, nautae,
promisistis' ait, 'non haec mihi terra rogata est.
quo merui poenam facto? quae gloria uestra est,
655 si puerum iuuenes, si multi fallitis unum?'
iamdudum flebam; lacrimas manus impia nostras
ridet et impellit properantibus aequora remis.
per tibi nunc ipsum (nec enim praesentior illo
est deus) adiuro, tam me tibi uera referre
660 quam ueri maiora fide. stetit aequore puppis
haud aliter quam se siccum nauale teneret.
illi admirantes remorum in uerbere perstant
uelaque deducunt geminaque ope currere temptant.
impediunt hederæ remos nexuque recuruo
665 serpunt et grauidis distinguunt uela corymbis.
ipse racemiferis frontem circumdatus uuis
pampineis agitat uelatam frondibus hastam;
quem circa tigres simulacraque inania lyncum

pictarumque iacent fera corpora pantherarum.
670 exsiluere uiri, siue hoc insania fecit
siue timor, primusque Medon nigrescere toto
corpore et expresso spinae curuamine flecti
incipit; huic Lycabas ‘in quae miracula’ dixit
‘uerteris?’ et lati rictus et panda loquenti
675 naris erat squamamque cutis durata trahebat.
at Libys, obstantes dum uult obuertere remos,
in spatium resilire manus breue uidit et illas
iam non posse manus, iam pennas posse uocari.
alter ad intortos cupiens dare bracchia funes
680 bracchia non habuit truncoque repandus in undas
corpore desiluit; falcata nouissima cauda est,
qualia diuidae sinuantur cornua lunae.
undique dant saltus multaque aspergine rorant
emerguntque iterum redeuntque sub aequora rursus
685 inque chori ludunt speciem lasciuaque iactant
corpora et acceptum patulis mare naribus efflant.
de modo uiginti (tot enim ratis illa ferebat)
restabam solus; pauidum gelidumque trementi
corpore uixque meum firmat deus ‘excute’ dicens
690 ‘corde metum Dianque tene.’ delatus in illam
accessis +sacris+ Baccheaque sacra frequento.”

Certa vez, a caminho de Delos, à costa de Quios
me achei e abordei à praia remando a estibordo;
dêi um leve salto e já pisô na úmida areia:
600 lá passamos a noite. A aurora então começara
a enrubrar: me levanto e recomendo a eles que tragam
água fresca, indicando o caminho da fonte;
já eu observo, do alto de um morro, o que a brisa
promete, chamo os meus sócios e volto à carena.
605 “Ei, chegamos”, diz Ofeltes, o melhor dos marujos,
e traz pela praia uma presa (assim ele a julga),
achada nos ermos, um garoto de corpo virgíneo.
Este titubeia, tonto de mosto e de sono,
mal pode andar; noto seu porte, seu rosto, seu passo:
610 nada ali me dizia que era um ser deste mundo.
Senti isso e lhes disse: “Eu não sei qual divindade
tem este corpo, mas este corpo tem divindade!
Quem quer que seja, favoreça e assista as labutas;
perdoe também estes homens!”. “Pela gente não rogue!”,
615 falou Dítis, nenhum outro sobe mais ágil
o mastro elevado e desce agarrando-se às cordas.
Líbis o apoia, e o chefe da proa, o loiro Melanto,
Alcimedonte também, e aquele quem ditava com a voz
o tempo dos remos, Epopeu, sempre os inflando,
620 e todo o restante: tão cega a cobiça por lucro.
“Mas não vou permitir que violem com tal sacrilégio
este barco”, eu disse, “aqui cabe a mim o comando”
e me pus na entrada. Se enfurece o mais imprudente¹
de todos, Lícabas, que, expulso da Etrúria, pagava
625 a pena do exílio devido a cruel assassinio.
Este, como resisto, me agarra pela garganta
com mão juvenil e me teria jogado nas águas
se não me apegasse, nem sei como, a uma corda.
A herética turma aprova o ocorrido; então Baco
630 (sim, era Baco), como se o clamor dissipasse
o sono do vinho, diz ao recobrar os sentidos:
“Que fazeis? Por que a gritaria? Dizei-me, marujos,

como vim parar aqui? Aonde pensais em levar-me?”.
“Não tenha medo”, disse Proreu, “só contar a que porto
635 você quer chegar; nesta terra então te deixamos”.²
“Naxos”, disse Líber, “para lá mudai o trajeto;
é a minha casa, nesta terra sereis acolhidos”.
Pelo oceano e por todos os numes perjuram
que assim será e me mandam içar as velas da nau.
640 Naxos era à direita; à direita eu dava o velame...
“que isso, idiota? Está louco?”, disse-me Ofeltes
pegando o meu braço, “toma a sinistra!”. A maioria
faz sinal com a cabeça, outros sussurram o que querem.
Fiquei pasmo e disse: “Que outro pegue no leme”,
645 e então me apartei da função e do ardil criminoso.
Sou xingado por todos, a marujada inteira resmunga;
um deles, Etálion, disse: “Aham... somente você
pode salvar a gente” e ele próprio sobe e se ocupa
da direção, e deixa Naxos rumo à via contrária.
650 O deus se diverte, como se enfim percebesse
toda a fraude, fica olhando o mar da popa recurva
e finge chorar: “Esta não é, marujos, a costa
então prometida”, disse, “não pedi esta terra,
por que mereço o castigo? Qual glória tereis
655 se vós, tantos rapazes, um só garoto enganardes?”.
Há muito eu chorava; das nossas lágrimas riem
estes ímpios, e singram o mar em remada apressada.
Por esse deus, agora eu te juro (pois nenhum outro
é mais presente) que vou contar algo tão vero
660 quanto incrível: a popa parou sobre as ondas
como se ela ficasse retida no seco estaleiro.
Espantados, eles insistem em bater os seus remos,
descem as velas, tentam seguir com ambos os meios.
Heras enredam os remos, serpenteando com nós
665 anelados, e as velas se ornaram com cachos graúdos.
O próprio deus, coroado de racemíferas uvas,
brande uma lança coberta com folhas pampíneas;
jazem ao redor ilusórias imagens de tigres,

linces, panteras de corpo feroz e pintado.
670 Os homens pulam do barco, levados por medo
ou loucura, e logo enegrece todo o seu corpo
Medonte, e em nítida curva começa a dobrar
a sua espinha; Lícabas diz: “Em que monstro
675 você se converte?”. Mal fala e seus lábios esticam,
o nariz arqueia e a pele endurece de escamas.
Líbis, ao querer repuxar os remos travados,
viu suas mãos encolherem, e já não se pode
chamá-las de mãos, barbatanas agora se chamam.
680 Outro, querendo abraçar os cabos torcidos,
não tem mais braços, dobra seu corpo estroncado
e salta nas águas; sua cauda tem ponta arqueada
tal qual se recurvam os chifres da lua crescente.
Por toda parte, eles saltam dando vários esguichos,
685 por vezes emergem e de novo retornam ao fundo,
brincam uma espécie de dança e agitam seus corpos
alegres, expelindo água por largas narinas.
Dos vinte homens (esse tanto levava o navio),
só eu sobrava: apavorado, gelado a tremer
690 o meu corpo e sem forças; mas o deus diz: “Esse medo
tira do peito e ruma a Dial”. Depois que chegamos,
aderi ao seu culto, e agora sigo os ritos de Baco.

ABSTRACT

In honor of the two-thousandth anniversary of Ovid's death (43 a.C. - 17/18 d.C.), we present here a poetic translation of a famous episode of his *Metamorphoses*, in which the sailor Acoestes narrates to Pentheus, king of Thebes, the kidnapping of Bacchus by Etruscan pirates and the consequences for such sacrilege. This well-known subject was first mentioned in the Homeric Hymn to Dionysus, around the VII century d.C., passing through the Augustan poetry, of which Ovid was the last exponent, and reaching the great American poet Ezra Pound (1885-1972), who included it in his masterpiece *The Cantos*. Instead of using a traditional Portuguese verse in order to translate the dactylic hexameters of the original passage, we adopted a variable extension verse, composed of two hemistichs, the second one being often longer than the first and ending with a hexametric clause. In addition, to mark the supernatural aspect that Ovid attributes to Bacchus (vv. 609-10), we have adopted different language register in the translation to keep him from the other characters. Thus, we reserve to the god a highly formal, almost artificial language, and to the pirates, a more common register.

KEYWORDS

Ovid; *Metamorphoses*; Bacchus; Translation; Metrics.

Calíope: Presença Clássica | 2018.2 . Ano XXXV . Número 36 (*separata 3*)

REFERÊNCIAS

TARRANT, R.J.P. **Ovidi Nasonis Metamorphoses**. Oxford: Clarendon Press, 2004.

NOTAS

¹ Ao longo desta tradução, usamos a próclise em início de oração não para marcar o registro informal, mas por entendermos que se trata de um fenômeno sintático já bastante natural e arraigado no português brasileiro como um todo. Tanto é assim que muitos tradutores renomados, entre eles Haroldo de Campos e Trajano Vieira, já realizaram a próclise nesse contexto sem nenhum problema.

² A fala do marinheiro Proreu reflete o típico despojamento verificado entre a maioria dos falantes brasileiros, pois muitas vezes variamos na mesma frase as formas verbais e pronominais de 2ª e 3ª pessoas.